

DISCUTINDO O ASPECTO DOS VERBOS ESTATIVOS LATINOS

Luiz Pedro da Silva Barbosa

Orientadora: Livia Lindóia Paes Barreto

Mestrando

Introdução

Este trabalho dá continuidade aos estudos realizados durante o projeto de mestrado que tem como objeto o sufixo *-ē*, formador de verbos com valor de estado em Latim. A presente etapa é um das últimas do nosso planejamento e surge como uma série de reflexões acerca das análises efetuadas.

Começaremos pelas análises dos dados e os resultados encontrados até agora, já que conseguimos observar o papel do sufixo estativo na frase latina; os processos de formação dos temas verbais dos verbos estativos; a transitividade oracional.

Procederemos às reflexões suscitadas por essas análises. As propostas de articulação entre os diferentes níveis de análise levaram a um traço marcante dos verbos estativos – o aspecto. Primeiramente, distinguiremos o aspecto télico do chamado aspecto lexical, mostrando como cada um se manifesta morfologicamente no verbo latino. Em seguida discutiremos seu aspecto lexical, apontando o fato de que ele está diretamente ligado ao sufixo estativo.

Ao final desta etapa, chegaremos aos itens da dissertação que discutem como uma microconstrução – o sufixo – se relaciona diretamente como a mesoconstrução – o verbo – e a macroconstrução – o sintagma oracional. Assim, esperamos mostrar como a morfologia, a sintaxe e a semântica se relacionam e se articulam.

O *corpus* desse trabalho consiste em duas peças do comediógrafo Plauto, que viveu entre os séculos III e II a.C., período arcaico da Língua e Literatura Latina. Apesar de sua trajetória de vida pouco conhecida, sabe-se que suas peças se dirigiam às camadas de menor

prestígio da sociedade da Roma Republicana – escravos, prostitutas e parasitas. Assim, suas obras são repletas de traços de oralidade, jogos de palavras, gírias e neologismos. Outra característica marcante da obra é a variedade de metros utilizados, dos quais a maior parte se insere na versificação jambo-trocaica (cf. Nougaret, 1948, p.60), verso frequente nos diálogos e cânticos cômicos. Por essas razões, entendemos que a linguagem da obra de Plauto estava próxima do falar vernáculo da época. As duas peças selecionadas, *Mostellaria* e *Persa*, somam cerca de 2000 versos

O que são verbos estativos

A língua latina possui uma grande série de sufixos formadores de verbos, dos quais um é o sufixo *-ē*, formador de verbos com valor de estado (*caleo* – estar quente; *frigeo* – estar frio; *oleo* – exalar odor). Por fazerem um infinito presente em *-e* longo, todos os verbos estativos pertencem à segunda conjugação, caracterizada por uma vogal temática *ē*.

A origem desse sufixo nos remete ao Indoeuropeu. Desde época pré-histórica, o *-ē* passa por um desenvolvimento complexo nas línguas descendentes, no qual não nos deteremos agora, mas apenas lembraremos alguns traços que permanecem no Latim.

Podemos afirmar que os traços mantidos por esse tipo de sufixação são: a) a ausência de complemento, são originalmente monoargumentais; b) a ausência de telicidade, originalmente não possuem tema de *perfectum*; c) a designação de um estado que se prolonga no tempo, por isso chamados verbos estativos.

As diferenças de ordem morfológica são : a) o uso do morfema *-ē* no presente, o que constitui uma inovação (cf. Monteil, op. cit., p. 292); o uso em um processo derivacional¹, formador de verbos a partir de outros de mesma raiz e sem sufixo (como *caleo* e *calo*; *oleo* e *olo*).

O que observamos até aqui

Os primeiros estudos realizados buscaram, na morfologia histórica da língua latina, a origem e o desenvolvimento do sufixo *-ē* e dos verbos estativos desde o estágio indoeuropeu. Ele servia, em sua origem, para formar temas de aoristo, tema que designava noções verbais

¹ Essa afirmação é feita com base na notação dos dicionários (cf. FARIA 2003;). Neles, diversos pares como *frigeo* e *frigesco* são notados como verbos deferentes. No entanto, não é impossível considerá-los como formas ‘flexionais’ de um mesmo verbo, especialmente com o testemunho de gramáticos antigos (DOSITHÉE, 2005).

nem estáticas nem dinâmicas (cf. Monteil, op. cit., p. 267), paralelamente a um tema de perfeito e um de presente. Ainda de acordo com Chantraine (1984, p. 161), esse morfema servia para formar, mais especificamente, aoristos intransitivos, formação que teve continuidade na língua grega, indoeuropeia como o Latim.

A explicação para esse uso intransitivo é a de que o sufixo fazia o verbo designar uma ação verbal que havia transcorrido e atingido determinado estado. Daí a ausência da noção de telicidade (nem perfeito nem imperfeito) e a ausência de objeto.

Dos estudos morfológicos, concluímos que os verbos estativos não possuem tema próprio de *perfectum*, tendo tomado-o emprestado a outros verbos de mesma raiz, mas sem o sufixo. Um exemplo disso é o *perfectum* do verbo *frigeo* – *frixi* – que foneticamente é um *perfectum* de *frigo*, sem o sufixo.

Entendemos que essa característica se deve ao fato de ser muito difícil (ainda que possível) conceber ao mesmo tempo um valor estativo e um aspecto perfectivo, pois, como o valor estativo se estende no tempo, uma ideia de conclusão seria pouco compatível com esse valor. Nos nossos estudos, a ocorrência de verbos estativos no *perfectum* é um forte argumento que justifica a dificuldade de conciliação das duas idéias: de todas as ocorrências, nas peças *Mostellaria* e *Persa*, 231 estão no *inflectum* e apenas 15 estão no *perfectum*.

Além disso estudamos características sintáticas das construções envolvendo verbos estativos. Concebendo que há uma macroconstrução prototípica [sujeito+Ve], analisamos todas as construções, mono e biargumentais, além das que possuíam verbos em tempos perfeitos, de acordo com os 10 parâmetros de transitividade de Hopper & Thompson (1980).

Observamos que, como era de se esperar, os verbos estativos, sobretudo as construções prototípicas, têm baixíssima transitividade, o que vai ao encontro dos estudos morfológicos já realizados. Olhando com mais atenção, percebemos que o morfema –*ē* está diretamente relacionado a três parâmetros: cinese, aspecto e pontualidade, enquanto que os outros parâmetros estão mais relacionados a fatores semânticos e pragmáticos do texto de modo mais amplo. Precisamente, ele parece agir para a ausência de cinese, ausência de pontualidade e aspecto imperfectivo do verbo. A proximidade entre esses traços já foi abordada por outros autores (Teixeira in Abraçado & Kennedy, 2014; Cavalcante, 1997), para as quais esse conjunto de parâmetros pode afetar a relação entre o verbo e seus argumentos.

Já estudamos questões relativas ao aspecto, que, no verbo latino, trata da telicidade, ou seja, designa uma ação perfeita ou imperfeita. Os verbos no Latim têm uma flexão aspectual que se baseia nos radicais dos verbos. No entanto, quando observamos com atenção o traço de pontualidade, chegamos a outro tipo de variação, situada entre a flexão e a derivação.

O aspecto nos verbos estativos

A necessidade de se debruçar sobre esse traço com maior profundidade surgiu a partir da análise de alguns exemplos peculiares nas comédias plautinas:

(1)

nam muliones mulos clitellarios

habent, at ego habeo homines clitellarios.

(Mostellaria, 780-1)

Pois os arrieiros **têm** machos de carga,
mas eu **tenho** homens de carga

(2)

TR. At te Iuppiter

dique omnes perdant, fu, oboluisti alium.

(Mostellaria, 38-9)

Tr – Mas que a ti Júpiter
e todos os deuses destruam, ugh! **Fedeste** a alho!

(3)

TR. O Theopropides,

ere, salve, saluom te aduenisse gaudeo.

usquin ualuisti?

(Mostellaria, 447-9)

Tr – Oh Theopropides,
senhor, salve! Me alegro de haveres chegado salvo.

Mas então **passaste bem**?

Os três exemplos acima mostram usos afastados da macroconstrução prototípica. O primeiro por ser biargumental, o que representa um deslocamento da noção verbal; o terceiro por estar no *perfectum*, o que seria contrário a uma noção estativa; o segundo por ambos os motivos.

Entretanto, essas conclusões, mesmo que não estejam equivocadas, são frutos de uma análise bastante formal e superficial. Quando relemos os *corpora* e pesquisamos com mais profundidade esse tipo de verbo na frase latina, vemos que os fatos linguísticos não são tão simples.

No caso do primeiro exemplo não nos deteremos. O verbo *habeo*, assim como *teneo*, possui uma trajetória muito própria, que merece um espaço específico. O exemplo 2 relata o que já abordamos: o sufixo não aparece no *perfectum*, o que o torna possivelmente *perfectum* de *olo*, par de *oleo*.

Mas o terceiro exemplo suscita o debate acerca do aspecto. O verbo *ualeo* (estar bem de saúde) não possui par sem o sufixo (**ualo*), apesar de seu *perfectum* não o possuir. Esse verbo, no gênero estudado, é muito frequente em uma situação em que duas personagens se encontram e se cumprimentam.

(4)

TOX. O Sagaristio, di ament te. SAG. O Toxile, dabunt di quae exoptes.

ut uales? TOX. Vt queo. SAG. Quid agitur? TOX. Viuitur.

*[...] **SAG. Satin tu usque ualuisti?** TOX. Hau probe.*

(Persa, 16-25)

TOX – Oh Sagaristião, que os deuses te amem! SAG – Oh Tóxilo, os deuses darão o que desejas.

Como **estás**? TOX – Como posso. SAG – O que se passa? TOX – Vive-se.

[...] SAG – Mas então tu **passaste bem**? TOX – Não muito bem

Tal contexto permite que a frase consiga atingir uma característica muito interessante para nosso estudo. Vemos que a frase com a forma *ualuisti* consegue conciliar tanto o valor estativo quanto o aspecto télico, pois designa que um sujeito esteve em um estado (bem de saúde) durante certo tempo e que essa noção verbal teve um fim.

Assim, podemos ver que o valor estativo é solidário ao aspecto (telicidade), mas se trata de uma categoria distinta. Esse valor incide sobre o transcorrer da ação, enquanto que o aspecto incide sobre seu resultado. O valor de estado é como um modo de ser do verbo, que se estende no tempo.

Chegamos a uma categoria diferente do aspecto. O “modo de ser da ação” é chamado também de aspecto lexical e, mais frequentemente, de *aktionsart*, (cf Laroca in Abraçado & Kennedy, 2014).

De acordo com Corôa (2005, p. 65), essas duas categorias se distinguem pelo seguinte: o aspecto é uma categoria gramatical, já o modo de ser da ação é uma categoria léxico-semântica. Ainda de acordo com Almeida (1978 apud Corôa, 2005), enquanto o aspecto *stricto sensu* envolveria binariamente as categorias de perfectivo/imperfectivo, um aspecto *lato sensu* (*aktionsart*) envolveria diversas categorias como inceptividade, duratividade, cursividade, pontualidade.

Quando olhamos para o sistema verbal latino, vemos que a oposição binária aspectual se aplica bem à oposição *infectum/perfectum*, apesar de, outrora, o Indoeuropeu possuir um terceiro aspecto, o aoristo (cf. Monteil, op. cit., p. 267). Aliás, essa oposição se manifesta de modo claro na morfologia, por meio dos diferentes temas aspectuais, pois o aspecto é, em Latim, a categoria mais importante do verbo; as demais nele se baseiam.

O modo de ser da ação, por sua vez, é bem mais amplo e pode ser uma propriedade não apenas do verbo, mas da oração como um todo. O sufixo estativo parece-nos, contudo, representar exatamente esse traço – um modo de ser estativo. Trata-se de uma categoria semântica expressa por um morfofonema *-ē*.

Como o aspecto e modo de ser são categorias distintas, não é inconcebível que um verbo possua ao mesmo tempo um valor estativo e um aspecto perfectivo. Por isso, podemos encontrar frases (os exemplos 3 e 4), que conseguem conciliar os dois valores.

Considerações Finais

Nesta etapa, a principal conclusão à que chegamos é a de que o valor de estado dos verbos formados pelo sufixo *-ē* pode ser inserido na categoria modo de ser da ação (ou *aktionsart*), categoria essa é distinta, porém solidária, ao aspecto (telicidade). A relação entre

o aspecto e o modo de ser do verbo explica porque é difícil, mas não impossível, conceber um verbo estativo no *perfectum*.

Quando ampliamos nosso campo de visão sobre os verbos latinos, podemos observar uma série importante de outras formações sufixais (cf. Monteil, op. cit., p.286-300) que alteram o modo de ser da ação. Assim, o Latim possui diversos sufixos: um *-ta* freqüentativo; um *-turi* inceptivo; um *-n* determinativo; um *-sc* incoativo; um *-s* desiderativo; e mais outros, com conteúdo mais ou menos procedural (cf. Traugott & Trousdale, 2013). No entanto, vale ressaltar que essas formações são próprias de *infectum*; o *perfectum* possui seus próprios processos de formação, fato que demonstra um traço de permanência da independência dos temas aspectuais indoeuropeus.

Se tentarmos procurar saber o que os romanos pensavam sobre a morfologia de seus verbos, encontraremos uma visão interessante nos gramáticos Donato e Dosíteu. Além das categorias flexionais que conhecemos do verbo latino (aspecto, tempo, modo número, pessoa e voz), eles concebem mais uma, que Donato, em sua *Ars Minor*, chama de *forma uerborum* (forma dos verbos) e que Dosíteu, em sua *Grammatica*, chama de *qualitas uerbi* (qualidade do verbo). Essa categoria se refere exatamente aos processos de derivação sufixal que citamos acima, ao menos a alguns deles. Não listam nessa categoria os verbos estativos, mas citam diversos processos de derivação sufixal semelhante.

A visão flexional dos antigos e a visão derivacional dos modernos são fatores que contribuem para que situemos a formação dos verbos com valor de estado em um *continuum* entre a flexão e a derivação.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, J. & KENEDY, E.(orgs). Transitividade traço a traço. Niterói: UFF, 2014;

BARBOSA, L. P. S. *Propriedades morfossintáticas dos verbos estativos: um olhar sobre o sistema verbal latino*. In: X CICLO DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 2014, Londrina. Anais do X Ciclo de Estudos Antigos e Medievais. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. p. 350-361.

_____. *Variedade de formas e funções nos verbos estativos latinos*. In: V SEMINÁRIO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UFF, 2014, Niterói. Anais do V Seminário dos alunos de pós-graduação do Instituto de Letras da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014, p. 283-292

BRITO, R. H. P. *Teoria dos Protótipos: um Princípio Funcionalista*. Todas as Letras, São Paulo, No 1, p. 71-79, 1999

CHANTRAINE, p. *Morphologie Historique Du Grec*. 3ed Paris: Klincksieck, 1984

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do Português*. São Paulo: Parábola, 2005

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOSITHÉE. *Grammaire Latine*. Tradução de Guillaume Bonnet. Paris: Les Belles Lettres, 2005

DUBOIS, J. et alli. *Dicionário de Linguística*. Vários tradutores. São Paulo: Cultrix, 2006

ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. 3ed. Paris: Klincksieck, 2002 [1953].

_____.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2ed. Paris: Klincksieck, 2002 [1953].

_____.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

FARIA, E. *Gramática da língua latina*. 2ed. Brasília: FAE, 1995.

_____. *Dicionário escolar latino-português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003

HOPPER, P.; THOMPSON, S. *Transitivity in Grammar and Discourse*. Language, Vol. 56, No. 2, p. 251-299, jun. 1980.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEILLET, A; VENDRYES, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. 4ed. Paris: H. Champion, 1966.

_____. *Esquisse d'une histoire de la Langue Latine*. Paris: Klincksieck, 1977

MONTEIL, P. *Éléments de Phonétique e Morphologie du Latin*. Paris : Nathan, 1974.

PLAUTE. *Mostellaire*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1933

_____. *Perse*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 2003

RUBIO, L. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Editorial Ariel, 1983

SOUSA, D. *O sufixo -nt e o particípio presente latino: uma abordagem funcional*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Abril de 2015

TRASK, R. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução de Rodolfo Ilari. 2ed. São Paulo: Contexto, 2006

TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013

VÄÄNÄNEN, V. *Introduction au Latin Vulgaire*. Paris: Klincksiek, 1967.